

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE

História

2º ano

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1994/95

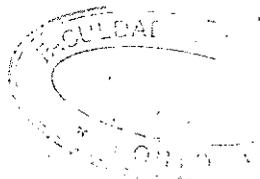
378(05)
Gui
c/5

213 565 72 70

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto

UNIVERSIDADE DO PORTO



GUIA DO ESTUDANTE

XV

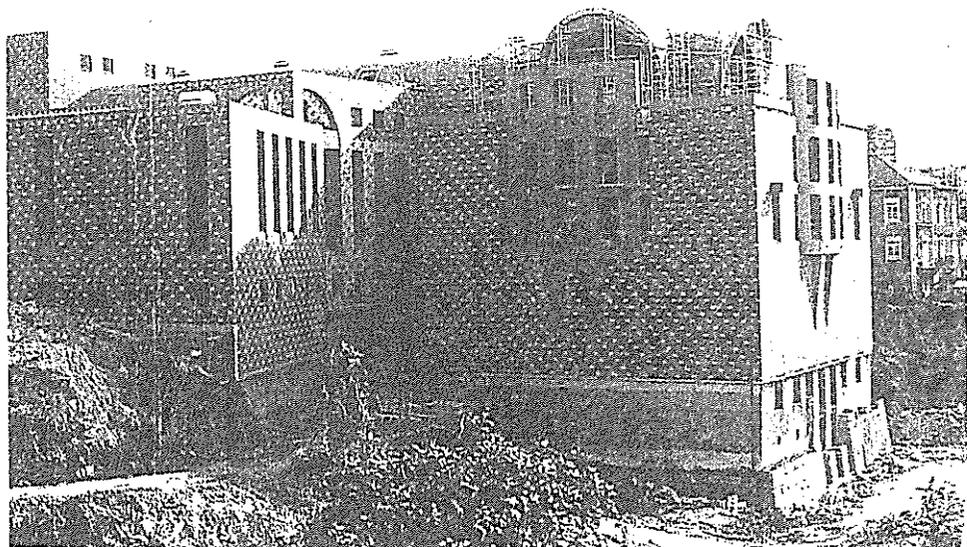
**EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1994/95**

Guia do Estudante da FLUP.HIS: 2º Ano
Vol.15, 1994-95
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: **200** exemplares

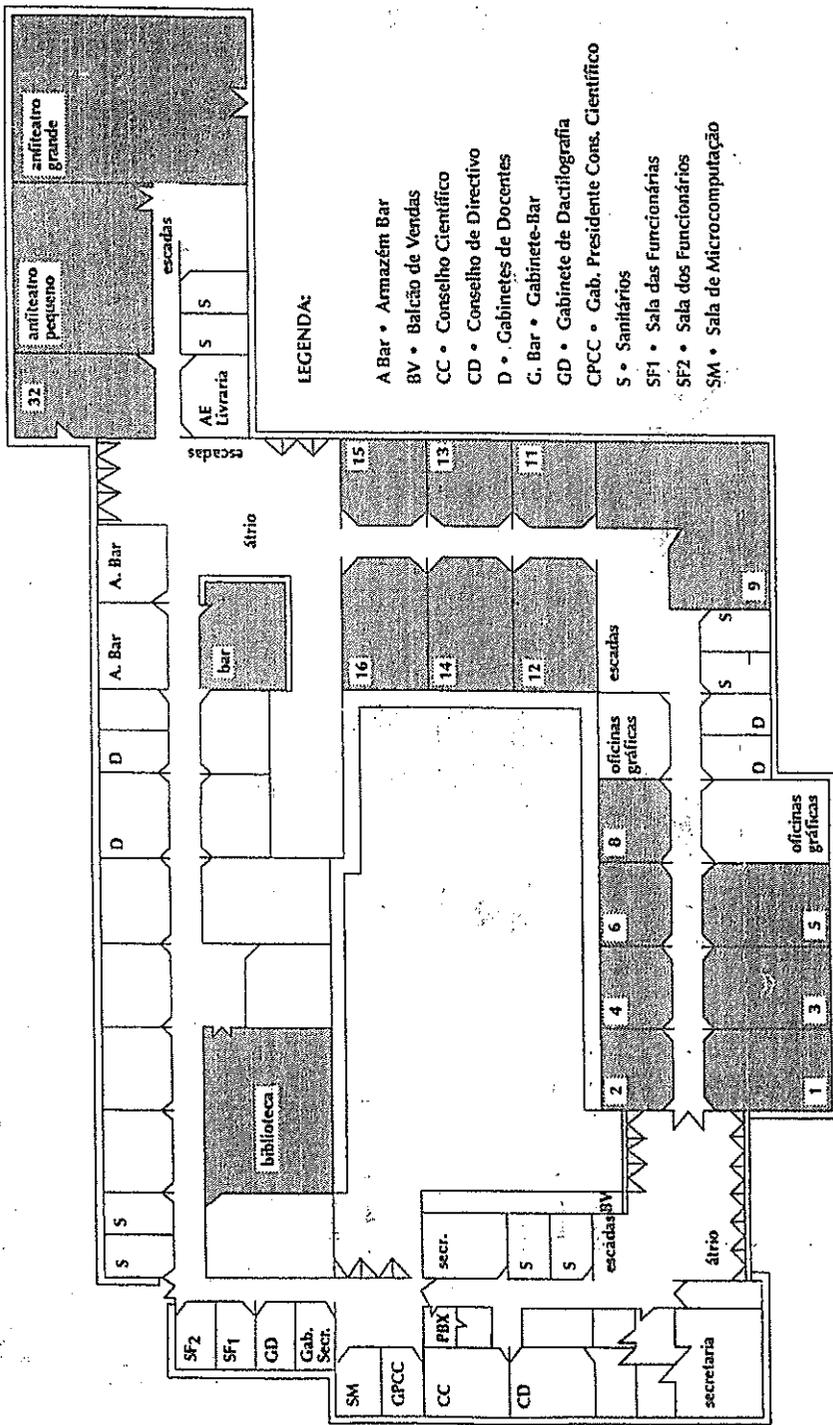


FLUP — Actualis instalações



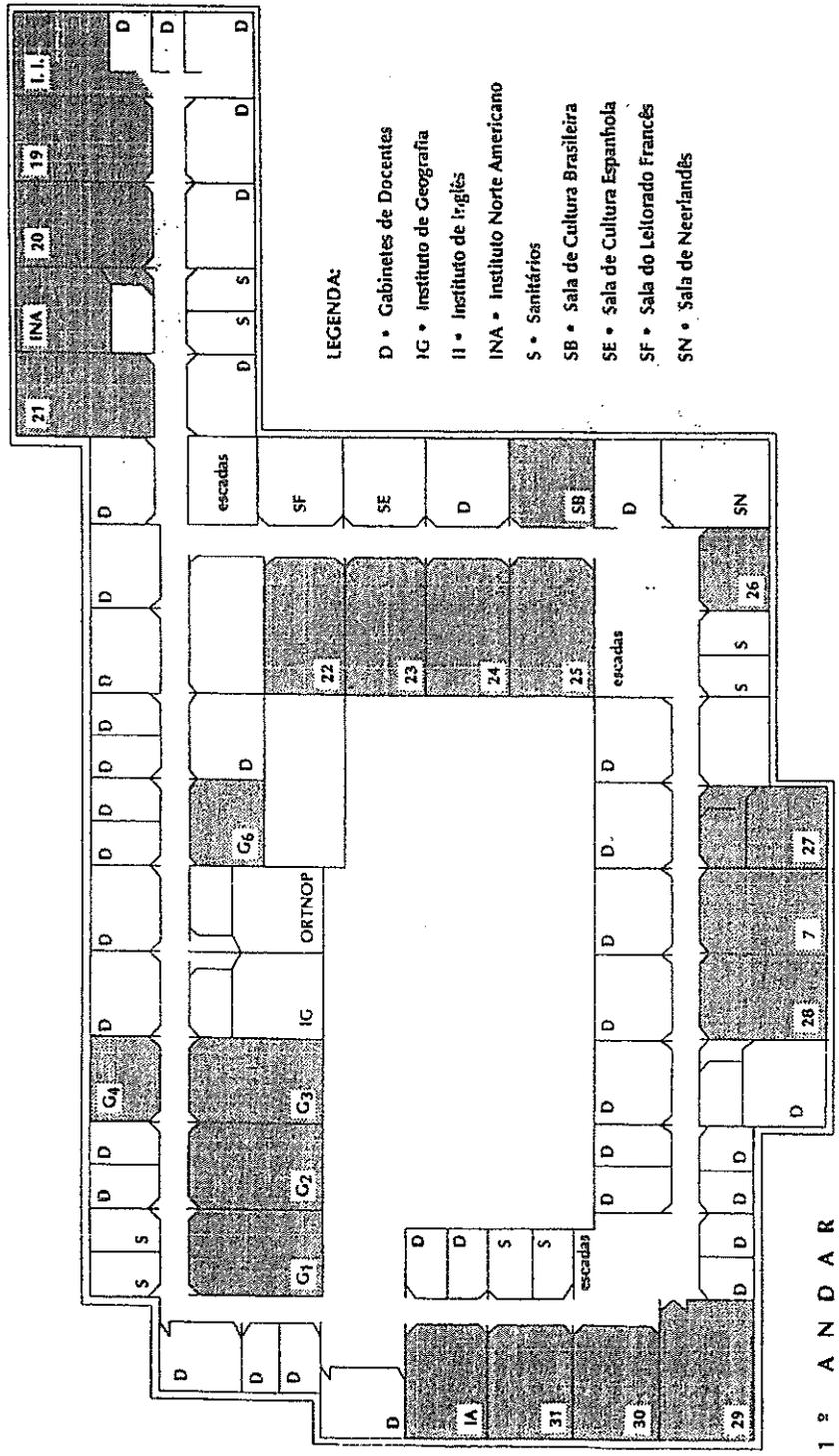
FLUP — Próximas instalações

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



R É S D O C H Ã O

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



LEGENDA:

- D • Gabinetes de Docentes
- IG • Instituto de Geografia
- II • Instituto de Inglês
- INA • Instituto Norte Americano
- S • Sanitários
- SB • Sala de Cultura Brasileira
- SE • Sala de Cultura Espanhola
- SF • Sala do Lectorado Francês
- SN • Sala de Neerlandês

1º ANDAR

INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

O estudante que, pela primeira vez, frequenta algum dos cursos ministrados na FLUP carece de um conjunto mínimo de informações que o situe na Escola e na realidade nova que para ele certamente significa a entrada na Universidade. Mas também os outros, aqueles que conhecem há um ou mais anos os corredores e as salas de aula desta Casa, necessitam de indicações actualizadas sobre programas, bibliografia, temas, normas de avaliação, calendário, etc.

Por isso, continuando uma tradição que remonta a 1980/81, o Conselho Directivo coloca à disposição dos alunos o Guia do Estudante que vai já na sua 15.^a edição.

O passado tem mostrado a enorme utilidade desta publicação. Oxalá a presente edição continue a prestar os relevantes serviços de sempre e que, para além disso, possa constituir um sinal da vitalidade e do imenso labor desenvolvido nesta Faculdade.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1994

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 14H00 - 16H30
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral). 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

- 1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.
- 2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.
- 3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.
- 4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.
- 5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.
- 6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e

Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

" de Documentação Histórica Medieval

" de Filosofia e História da Filosofia

" de História de Arte

" de Língua Portuguesa

" de Literatura Comparada

" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

" de Sociologia

" de Ciências da Educação

" de Estudos Franceses

Sala Brasileira

" Espanhola

" Neerlandesa

" de História Moderna

" de História Medieval

Centro de História

" de Linguística

" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

História (Variante Arte) .

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º, 4º e 5º anos).

b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados:

História Medieval

História Moderna

História Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)

Filosofia do Conhecimento

Filosofia Medieval

Filosofia da Educação

Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas

Estudos Anglo-Americanos
Linguística Portuguesa Descritiva
Geografia
Sociologia

- b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"
- c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abranches de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação; ...

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.

b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reúnem as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.

c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.

3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 4/Julho/94)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1994-1995.

Estas normas pretendem corresponder a uma renovação das nonnas até agora vigentes.

Embora a muitos pareça necessária uma remodelação profunda destas normas, o Conselho Pedagógico optou por uma reformulação que mantivesse a estrutura global do método de avaliação, uma vez que o projecto de reestruturação dos cursos ainda nao entrou em funcionamento. Todavia, pareceu-nos urgente simplificar e clarificar as normas de avaliação, já que elas, com os sucessivos ajustamentos que têm sofrido, se têm revelado demasiado complexas, com uma formulação confusa, repetitiva e, por vezes, contraditória.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a. Avaliação contínua.
- b. Avaliação periódica.
- c. Avaliação final.

2. Nos termos do artigo 18º é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma dessas formas de avaliação, as normas respectivas.

3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo obrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2º, 16º, 17º e 18º.

Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando:

- a) objectivos pedagógico-didácticos;
- b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;
- c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;
- d) os índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas).
- e) o número e o tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.

2. O estipulado no ponto 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem que ser obrigatoriamente um teste escrito.
3. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados.
4. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada apenas em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.
2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.
3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75 % das aulas.
2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

Artº 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.
2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até quinze dias antes da realização do primeiro teste de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.
3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao docente.

Artº 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artigo 13º.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 8 - Tipos de provas

1. O número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2º.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo para além das duas provas de avaliação periódica, os referidos trabalhos deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artigo 18º.

3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

Artº 9 - Repescagem

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

2. Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1, ou que tenham faltado a uma das provas, têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realização simultaneamente com o exame final da época normal.

3. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser igual ou superior a 9,5 para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

Artº 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Os alunos que não compareçam a uma das provas, mas queiram optar ou manter-se nesta modalidade de avaliação, devem entregar ao responsável da cadeira uma declaração datada e assinada, até cinco dias úteis após o reinício das aulas, para o caso da primeira prova. Para a segunda prova, o prazo é de cinco dias após a realização da mesma.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto no ponto 2 optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 13º.

Artº 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação média negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei gera e conforme os artigos 13º e 15º das actuais normas.

Artº 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8º, 9º e 10º, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são, no mínimo duas e precedem a prova oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 20º.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 15º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma, obrigatória, com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, nunca podendo ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para que os alunos se considerem aprovados nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 13 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Nos exames finais, épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.

3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2º e do artigo 18º.

4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiram em regime de avaliação contínua ou periódica.

5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4º ano dos diversos cursos, com excepção do de Sociologia, podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou contínua na época normal, sem limite de número de disciplinas.

8. O recurso referido no ponto 7 não pode ser repetido na época de Setembro.

Artº 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez. Esta melhoria tem que ser realizada até à época de recurso (inclusivé) do ano lectivo seguinte.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.

3. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas em que a nota mínima é de 9 valores.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a 10 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

6. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina, que não as línguas vivas, sob proposta do responsável pela disciplina, por decisão do Conselho Pedagógico e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO, SEMINÁRIOS E COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação aquele em que haja pesquisa bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

Artº 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação os alunos ficam obrigados a participar num número determinado de reuniões definido no início do seminário.

3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.

4. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem normas estipuladas no artigo 16º.

5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2º.

6. Os seminários do Ramo Educacional, dada a sua especificidade, não podem ser repetidos para efeito de melhoria de nota.

Artº 18 - Combinação de modalidades de avaliação (Cursos de Geografia e de Sociologia)

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.

2. Para que os alunos se considerem aprovados é obrigatória uma nota mínima de 9,5 a cada uma das componentes.

3. No caso de avaliação inferior a 9,5 numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artigo 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.

6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final, bem como esta última, têm de ser publicadas sob a forma de nota qualitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

Artº 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.
2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

Artº 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.
2. Em caso de fraude comprovável, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.
3. Caso haja apenas suspeitas de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.
4. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.
2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de 2 dias úteis depois de afixado o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

I - DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entender necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

Calendário das provas em 1994-1995

Início das aulas: 6 de Outubro de 1994

Avaliação periódica

Primeiras provas: de 9 a 28 de Janeiro de 1995 (Reinício das aulas: 31 de Janeiro de 1995)

Segundas provas: de 22 de Maio a 9 de Junho de 1995

Fim de aulas: 20 de Maio de 1995

Exames finais

Época normal: de 12 de Junho a 1 de Julho de 1995

Época de recurso: de 12 a 30 de Setembro de 1995

PUBLICAÇÕES

Publicações Periódicas:

Revista da Faculdade de Letras - Séries de:
História, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.
Filosofia, I série: 1970-1973; II série: 1985 ss.
Filologia, I série, 1973.
Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.
Geografia, 1985 ss.
Sociologia, 1991 ss.

Anexos da série de Línguas e Literaturas:

I - Problemáticas em História Cultural, Porto, 1987

II - Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal -1501-1700.
Porto, 1988

III - Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Porto, 1989

IV - Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana. Edição das suas
Fontes, Porto, 1991

V - Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XII a XVIII) Porto, 1993

VI - Verbo e Estruturas Frásicas, Porto, 1994

VII - Historiografia Gramatical (1500-1920), Porto, 1994

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série. 1980 ss.

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto
de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa
de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Univ. do Porto), 1990 ss.

Revista de História (Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss.

Intercâmbio (Núcleo de Estudos Franceses da Univ. do Porto), 1990 ss.

Actas de Congressos:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de
1979), «Revista de História», Porto, INIC/Centro de Historia UP, vol.II, 1979,
vol.III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de

1983), «Portugalia», Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1983), Lisboa, Apáginastantas, 1984.

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas» - Anexo B), 1987

Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Déffis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988

Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época» 5 vols. Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, «Línguas e Literaturas - Anexo III», 1989

Eça e «Os Maias», Actas do 1.º Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Colecção «Perspectivas Actuais», Porto, Edições ASA, 1990

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de

de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas--Anexo V», 1993

1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, Outubro de 1993), Actas, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XXXIV - Fasc. 1-2, 3 vols., Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1993-1994

Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1991), Colecção «Perspectivas Actuais / Educação», Porto, Edições ASA, 1994

Edições do Conselho Directivo:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989. Porto, 1989: 2ª ed., Porto, 1994

«Fundo Permutivo» da Biblioteca Central. 1919-1928 Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

Colecção «Conferências da Faculdade de Letras do Porto»:

Eduardo Abranches de Soveral - Meditação Heideggeriana, Porto, 1993

José Adriano de Freitas Carvalho - A Herança do Sebastianismo (A publicar)

António Teixeira Fernandes - A Crise do Estado nas Sociedades Contemporâneas, Porto, 1993

Luis António de Oliveira Ramos - As Universidades em Tempo de Cooperação, Porto, 1994

Rosa Fernanda Moreira da Silva - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, Porto, 1994

Humberto Baquero Moreno - Os Mudéjares no Portugal Medieval (A publicar)

Publicações da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto (AEFLUP):

Humanidades, 1982

Ícone. Revista de Colaboração Artística, 1990

Letras Soltas. Jornal da AEFLUP, 1992

Incubo. Jornal da AEFLUP, 1993

BIBLIOGRAFIA MAIS IMPORTANTE SOBRE A F.L.U.P.:

CRUZ, António - As Bodas de Prata da Restauração da Faculdade de Letras, «O Tripeiro», Série nova, Porto, IV, 11-12 Nov.-Dez., 1985, pp. 323-331

DIONÍSIO, Sant'Anna - A Quinta Amarela, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 12.3.1958

DIONÍSIO, Sant'Anna - Nascença da Decantada Faculdade de Filosofia e Filologia do Porto, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 1.12.1980

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989 (Em colaboração com a Faculdade de Letras do Porto)

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - Os 25 Anos da Faculdade de Letras: Passado e Presente, «Revista da Faculdade de Letras - História», IV, Porto, 1987, pp. 293-307

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - A História que nos fez e a História que se faz da Primeira à Segunda Fase da Faculdade de Letras do Porto, Congresso «O Porto na Época Contemporânea» (Ateneu Comercial do Porto, Outubro de 1989)

HURST, N.R. - O Ensino e o Estudo do Inglês na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (F.L.U.P.), «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VII, Porto, 1990, pp. 237-245

HURST, N.R. - Some Implications of Innovation in the Arts Faculty of Porto University. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», X, Porto, 1993, pp. 199-202

PINA, Luís de - Faculdade de Letras do Porto (Breve História), «Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto», I, Porto, 1966, pp. 59-172

RAMOS, Luís António de Oliveira - Notas sobre a Origem e Estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto, «Boletim Cultural», Porto, Câmara Municipal do Porto, 1983, pp. 245-260 (Reeditado in Sob o Signo das Luzes, Lisboa, IN/CM, 1988, «Leonardo Coimbra e a Criação da Faculdade de Letras do Porto», pp. 201 -221)

SÁ, Victor de - Notas sobre o Ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - História», III, Porto, 1986, pp. 199-209

SILVA, Rosa Fernanda Moreira da - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - V», Porto, Edição do Conselho Directivo, 1994

TORRE, Manuel Gomes da - Dr. Luís Cardim. Dos Liceus para a Antiga Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e

Literaturas», IV, Porto, 1987, pp. 279-300

TORRE, Manuel Gomes da - Papel da Faculdade de Letras do Porto na Formação de Professores de Línguas Vivas Estrangeiras. «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VI, Porto, 1989, pp. 135-150

PROGRAMAS

HISTÓRIA MEDIEVAL DE PORTUGAL

Docentes: Prof. Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno

Dr^a Maria Fernanda Mendes Ferreira Santos

I.

1. Formação política de Portugal (sécs. XII-XIII).
2. As estruturas de base: demografia, economia e sociedade (sécs. XII-XIV).
3. Poder central e poder local (estado, senhorio e municipalismo).

II.

4. A crise do século XIV (depressão demográfica, económica e social).
5. A revolução de 1383.

III.

6. Sintomas de recuperação da crise (séc. XV).
7. A regência do Infante D. Pedro: Alfarrobeira.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fortunato de - História da Igreja em Portugal, 2^a ed., vols. I e II, Livraria Civilização, 1967-1968

BARROS, Henrique da Gama - História da Administração Pública em Portugal nos Sécs. XII a XV, 2^a ed., 11 vols., Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1945-1954.

CORTESÃO, Jaime - Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, 2^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1966

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL, dirigido por Joel Serrão, 4 vols., Porto, Iniciativas Editoriais, 1961-1971 (reedições posteriores em 6 vols.)

GARCIA DE CORTAZAR, José Angel - "La Época Medieval", volume II de Historia de España Alfaguara, 8^a ed., Madrid Alianza Editorial, 1981

HERCULANO, Alexandre - História de Portugal desde o Começo da Monarquia até ao fim do Reinado de Afonso III, com prefácio e notas críticas de José Mattoso, 4 vols., Lisboa, Livraria Bertrand, 1980-1981

- HISTÓRIA DE PORTUGAL, dirigida por Damião Peres, vols. I a IV, Barcelos, Portucalense Editora, 1928-1932
- MARQUES, A . H. de Oliveira - Guia do Estudante de História Medieval Portuguesa, 2ª ed., Lisboa, Ed. Estampa, 1979
- "- História de Portugal, vol. I ed., Lisboa, Palas Editores, 1982
- "- Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV in "Nova História de Portugal", vol. IV, ed., Proença, Lisboa, 1987
- MATTOSO, José - Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal, 1096-1325, 2 vols., Lisboa, ed. Estampa, 1985
- MORENO, Humberto Baquero - A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico, 2 vols., Coimbra, 1979-1980
- "- Marginalidade e Conflitos Sociais em Portugal nos Séculos XIV e XV. Estudos de História, Lisboa, ed. Presença, 1985
- "- Os Municípios portugueses nos Séculos XIII a XVI. Estudos de História, Lisboa, ed. Presença, 1986
- PERES, Damião - Como Nasceu Portugal, 7ª ed. revista, Porto, Portucalense Editora, 1970
- RIBEIRO, Orlando - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de Relações Geográficas, 3ª ed. revista e actualizada, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1967
- SOUSA, Armindo de - História de Portugal dirigida por José Mattoso, Vol. II, Lisboa, Circulo de Leitores, 1993 (pp. 313-556)

Nota: A indicação de bibliografia específica para cada ponto da matéria será feita ao longo do ano lectivo.

SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA NA ÉPOCA MEDIEVAL

Docentes: Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem
Dr. José Augusto P. de Sotto Mayor Pizarro

I. INTRODUÇÃO

1. Da noção de "Idade Média". A periodização da História Medieval.
2. Do medievismo e dos medievistas: tempos, métodos, temas.
 - 2.1. Prioridades cronológicas: dos anos 40 à actualidade.
 - 2.2. Caminhos recentes.
 - 2.2.1. A reflexão metodológica.
 - 2.2.2. Alguns domínios temáticos.
3. O "fim do Mundo Antigo".
 - 3.1. Um tema historiográfico.
 - 3.2. "Crises" e "reformas" na Roma do Baixo Império.
 - 3.3. O que fica de Roma?

II. "ALTA IDADE MEDIA" OU SÉCULOS POST-ANTIGOS (SÉCS. V-X)?

1. Querelas historiográficas: o(s) tempo(s) de "Mahomet e Carlos Magno".
 2. Cenários.
 - 2.1. A contracção espacial dos mercados.
 - 2.2. A secundarização do mundo urbano.
 - 2.3. A ruralidade dominante.
 3. Protagonismos.
 - 3.1. Os primeiros reinos bárbaros.
 - 3.2. A "construção carolíngia".
 - 3.3. Reinos e principados (sécs. IX-X).

III. TEMPOS DE SEMENTEIRA E DE COLHEITA (SÉCS. XI-XIII).

1. Que há de novo no século XI?
2. Cenários.
 - 2.1. Ruralidade ("ma non tanto").
 - 2.2. A (re)afirmação do mundo urbano.

2.3. O alargamento espacial dos mercados.

3. Protagonismos.

3.1. Poder e poderes.

3.2. O Império.

3.3. A "teocracia".

3.4. As monarquias.

IV. UM RELANCE PELA IDADE MÉDIA TARDIA (SÉCS. XIV-XV).

1. "Outono" ou "Primavera"?

2. A "Génese do Estado Moderno".

BIBLIOGRAFIA

1. Manuais

CONTAMINE, Philippe et alii - Économie (L') Médiévale, Paris, Armand Colin, 1993 (Coll. "U" - Série "Histoire Médiévale").

FONSECA, Luís Adão da - La Cristandad Medieval, Tomo V de "Historia Universal", Pamplona, Ediciones Universidad de Navarra, 1984.

FOSSIER, Robert - Société (La) Médiévale, Paris, Armand Colin, 1991 (Coll. "U" - Série "Histoire Médiévale").

FOURQUIN, Guy - Histoire Économique de l'Occident Médiéval, Paris, Armand Colin, 1969 (Coll. "U" - Série "Histoire Médiévale") (trad. port. - Lisboa, Edições 70, 1986).

PACAUT, Marcel - Les Structures Politiques de l'Occident Médiéval, Paris, Armand Colin, 1969 (Coll. "U" - Série "Histoire Médiévale").

2. Outras obras de consulta imprescindível

DUBY, Georges - Guerriers et Paysans. VII-XII.e siècle. Premier essor de l'économie médiévale, Paris, Gallimard, 1973 (Coll. "Bibliothèque des Histoires") (trad. port. - Lisboa, Ed. Estampa, 1980).

FÉDOU, René - L'État au Moyen Âge, Paris, PUF, 1971 (Coll. "SUP. Sect. L'Historien", n°28).

FOURQUIN, Guy - Seigneurie et Féodalité au Moyen Âge, Paris PUF, 1970 (Coll. "SUP. Sect. L'Historien", n°2) (trad. port. Lisboa, Edições 70, 1978).

GARCIA DE CORTAZAR, José Angel - La Époque Medieval, vol.II de "Historia de España Alfaguara", 8ª ed., Madrid, Alianza Editorial, 1981.

LEROY, Béatrice - Pouvoirs et Sociétés Politiques en Péninsule Ibérique (XIV.e-XV.e Siècles), Paris, SEDES, 1991 (Coll. "Regards sur l'Histoire", n°71).

LOPEZ, Roberto S. - La Révolution Commerciale dans l'Europe Médiévale, Paris, Aubier Montaigne, 1974 (Coll. "Historique") (trad. port. - Lisboa, Ed. Presença, 1986).

RUCQUOY, Adeline - Histoire médiévale de la Péninsule Ibérique, Paris, Éditions du Seuil, 1993 (Coll. "Histoire", n°180).

STRAYER, Joseph - On the Medieval Origins of the Modern State, Princeton-New Jersey, Princeton University Press, 1970 (trad. port. - Lisboa, Gradiva, s./d. [1986 - Col. "Construir o Passado", n°9).

CULTURA E MENTALIDADES DA ÉPOCA MEDIEVAL

Docente: Prof. Doutor Luís Miguel Duarte

PROGRAMA

1. **Introdução Teórica:** Cultura e História Cultural; Mentalidades e História das Mentalidades.

2. **A herança da Antiguidade Tardia:**

- 2.1. Cristianismo e paganismo - do confronto à síntese;
- 2.2. A diferenciação Oriente Grego/Ocidente Latino;
- 2.3. O cristianismo enquanto fenómeno sócio-religioso e cultural suficientemente distinto;

3. **A Alta Idade Média (Séculos V-X):**

- 3.1. Os povos 'bárbaros' - características civilizacionais;
- 3.2. Traços essenciais da cultura;
- 3.3. O monaquismo no Ocidente;
- 3.4. As escolas e a educação nos Séculos VI a VIII;
- 3.5. O "Renascimento carolíngio";
- 3.6. As atitudes colectivas;

4 **A Idade Média propriamente dita (Séculos X-XIII):**

- 4.1. O Ano Mil: as novas condições da cultura;
- 4.2. A questão linguística no Ocidente; as literaturas em línguas vernáculas;
- 4.3. As novas escolas; filosofia e teologia (Abelardo e S. Bernardo);
- 4.4. As Universidades; S. Tomás de Aquino;
- 4.5. Mentalidades, sensibilidades, atitudes;

5. **A Baixa Idade Média:**

- 5.1. Uma nova sensibilidade;
- 5.2. Uma nova religiosidade (a devotio moderna; reforma e heresias);
- 5.3. Narrativa, história e poesia: a "Divina Comédia".

6. Conclusão: o humanismo medieval; o legado medieval da Europa.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉS-GALLEGO, José - História da gente pouco importante. América e Europa até 1789. Lisboa, Ed. Estampa, 1993.
- ARIES, Philippe; DUBY, Georges (dir.) - História da Vida Privada. 2 - Da Europa feudal ao Renascimento. Porto, Ed. Afrontamento, 1990.
- BUHLER, Johannes - Vida y cultura en la Edad Media. México, Fondo de Cultura Económica, 1977.
- BANNIARD, Michel - Genèse culturelle de l'Europe (V-VIII siècle). Paris, Éd. du Seuil, 1989.
- CHARTIER, Roger - A História Cultural entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1988.
- DELUMEAU, Jean - La Peur en Occident (XIV-XVIII siècle). Une cité assiégée. Paris, Fayard, 1978.
- DUBY, Georges - O Ano Mil. Lisboa, Ed. 70, 1980.
- "- Guerreiros e Camponeses. Lisboa, Ed. Estampa, 1980.
- "- Guilherme, o Marechal. O melhor cavaleiro do mundo. Lisboa, Gradiva, 1986.
- "- Mâle Moyen Âge. Paris, Flammarion, 1988.
- "- O tempo das catedrais. A Arte e a Sociedade (980-1420). Lisboa, Ed. Estampa, 1979.
- "- As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo. Lisboa, Ed. Estampa, 1992.
- GONZÁLEZ MÍNGUEZ, César (ed.) - La Otra Historia. Sociedad, Cultura y Mentalidades. Bilbao, Servicio Editorial Universidad del País Vasco, 1993.
- GUREVITCH, Aron I. - As Categorias da Cultura Medieval. Lisboa, Ed. Caminho, 1991.
- HUIZINGA, Johan - O declínio da Idade Média. [s.l.], Ed. Ulisseia, [s.d.]
- LADURIE, Emmanuel LeRoy - Montaillou, aldeia de Occitânia. Lisboa, Ed. 70.
- LE GOFF, Jacques - A Civilização do Ocidente Medieval. Lisboa, Ed. Estampa, 1984. 2 vol.
- "- Os intelectuais na Idade Média, Lisboa, Gradiva, 1990.
- "- Lo maravilloso y lo cotidiano en el Occidente medieval. Barcelona, Gedisa, 1985.
- "- O nascimento do Purgatório. Lisboa, Editorial Estampa.

"- Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, trabalho e cultura no Ocidente. Lisboa, Ed. Estampa, 1979.

LE GOFF, Jacques (dir.) - O Homem medieval. Lisboa, Ed. Presença, 1990.

LEBRUN, François - As grandes datas do cristianismo. Lisboa, Ed. Notícias, 1992.

LEROY LADURIE, Emmanuel - Montaillou, aldeia occitana. Lisboa, Ed. 70.

MARROU, Henri-Irénée - Decadência Romana ou Antiguidade Tardia? Séculos III-IV. Lisboa, Aster, 1979.

MUCHEMBLED, Robert - L'Invention de l'homme moderne. Sensibilités, mœurs et comportements collectifs sous l'Ancien Régime. Paris, Fayard, 1988.

MURRAY, Alexander - Razón y sociedad en la Edad Media. Madrid, Taurus, 1982.

PACAUT, Marcel - Les Ordres Monastiques et Religieux au Moyen Âge. Paris, Fernand Nathan, 1970.

PAUL, Jacques - Histoire Intellectuelle de l'Occident Médiéval. Paris, A. Colín, 1973.

RAPP, Francis - L'Église et la Vie Religieuse en Occident à la Fin du Moyen Âge. Paris, P.U.F., 1991.

RICHÉ, Pierre - De l'Éducation Antique à l'Éducation Chevaleresque. Paris, Flammarion, 1968.

"- Éducation et Culture dans l'Occident Barbare (V-VIII Siècles). Paris, :Éd. du Seuil, 1962.

SCHMITT, Jean-Claude - La raison des gestes dans l'Occident medieval. Paris, Gallimard, 1990.

VAUCHEZ, André - La Espiritualidad del Occidente medieval (siglos VIII-XII). Madrid, Ed. Cátedra, 1985.

WOLFF, Philippe - O despertar da Europa. Lisboa, Ed. Ulissela.

ZUMTHOR, Paul - La letra y la voz de la "literatura" medieval. Madrid, Ed. Cátedra, 1989.

(Nota: para cada tema será indicada, nas aulas, bibliografia específica).

PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA

Docentes: Prof. Doutor José Marques
Dr^a Maria Cristina Cunha

1. Conceito e objecto tradicionais da Paleografia. A proposta de Jean Mallon: virtualidades e limitações. Paleografia latina. Relações com a Epigrafia, Numismática e Sigilografia. Âmbito cronológico do curso.

2. Origem e evolução do alfabeto latino. Da minúscula arcaica à constituição das escritas nacionais insulares e continentais.

3. Matéria e instrumentos da escrita. Forma dos manuscritos. Códices e codicologia.

4. Sistemas braquigráficos.

5. Escritas: visigótica (librária e cursiva), carolina, minúscula diplomática, gótica (dos códices e cursiva), humanística, cortesã, processada e encadeada. Questões de nomenclatura e propostas de normalização.

6. Normas de transcrição dos documentos. Elaboração de sumários e índices.

7. Conceito de Diplomática. Actos jurídicos e actos escritos. Sua classificação. Génese e transmissão dos documentos.

8. Estrutura dos documentos e formas de datação e validação.

9. Crítica diplomática.

10. Noções fundamentais de sigilografia.

N.B. O curso será eminentemente teórico-prático, sendo, por isso, da máxima importância a assistência às aulas.

Além do contacto com abundantes reproduções documentais, realizar-se-ão visitas de estudo a diversos arquivos da cidade e de outras localidades.

Cada aluno poderá de executar um trabalho prático sob orientação do professor.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Rui de - Documentos medievais portugueses. I. Documentos régios. Lisboa, 1958 (Introdução).

"- Estudos de Diplomática Portuguesa, in "Revista da Universidade de Coimbra", Vol. 14, pp. 31-80

BASCAPÉ, Giacomo C. - Sigillografia II sigillo nella Diplomatica, nel Diritto, nella Storia, nell'Arte, 2 vols., Milano, 1969

BATTELI, Giulio - Lezioni di Paleografia, 3ª ed., Città del Vaticano, 1949

CAPPELLI, Adriano - Dizionario di abbreviature latine ed italiane, 6ª ed. (anastática), Milano, 1967

CENCETTI, Giorgio - Lineamenti di Storia della scriptura latina, Bologna, Casa Editrice Prof. Ricardo Patron, 1954

"- Paleografia latina, Roma, Jouvance, 1978

COSTA, Pe. Avelino de Jesus - Album de Paleografia e Diplomática portuguesas, 5ª ed., Coimbra, 1990

"- Estudos de Cronologia, Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticas, Porto, S.P.E.M., 1992

"- Normas de transcrição e publicação de documentos medievais e modernos, 3ª ed., Coimbra, 1983

CRUZ, António - Observações sobre o estudo da Paleografia em Portugal, Porto, 1967

"- Paleografia portuguesa. Ensaio de manual, Porto, Cadernos Portucale, 1987

"- Santa Cruz de Coimbra na cultura portuguesa da Idade Média, Vol. I: Observações sobre o "Scriptorium" e os estudos claustrais, Porto, 1964

DESTREZ, Jean - La pecia dans les manuscrits universitaires du XIIIe et du XIVe siècle, Paris, Editions Jacques Vautrain, 1935

DESWARTE, Sylvie - Les enluminures de la Leitura Nova - 1504/1552. Étude sur la culture artistique au Portugal au temps de l'Humanisme. Préface par André Chastel, Paris, Fund. Calouste Gulbenkian, 1977

DIAZ, Y DIAZ, Manuel C. - Códices visigóticos en la monarquía leonesa, Leon, Centro de Estudos e Investigation "San Isidro", (C.S.I.C.), 1983

"- Consideraciones sobre las pizarras visigóticas, in Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Historicas. V. Paleografía y Archivística, Santiago de Compostela, 1975, pp. 23-29

"- Diplomatica et Sigillographica. Travaux préliminaires... pour une normalisation internationale ... in "Folia Caesar augustania", 1, 1984

"- Diplomática et sigillographica. Travaux préliminaires de la Commission Internationale de Diplomatique et de la Commission Internationale de Sigillographie pour une normalisation internationale des éditions de

- documents..., in "Folia Caesaraugustana". 1, Catedra "Zurita", Institución "Fernando el Católico" (CSIC), Zaragoza, 1984
- EGRY, Anne - Um estudo de "O Apocalipse de Lorvão" e a sua relação com as ilustrações" e a sua relação com as ilustrações medievais do Apocalipse, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1972
- GARCIA VILLADA, Zacarias - Paleografía española. I. Texto. II. Album, Barcelona, Ed. Albir, 1974
- GENICOT, Luc. Fr. - Paléographie et sciences auxiliares, Louvain, Institut Supérieur d'Archéologie et d'Histoire de l'Art, 1975-1976
- GILISSEN, L. - L'expertise des écritures médiévales, Gand, Éditions Scientifiques, 1973
- "- Prolegomenes à la codicologie, Gand, Éditions Scientifiques, 1977
- GIRY, A. - Manuel de Diplomatique, New York, 1983 Les très riches heures du Duc de Berry, Avant-propos de Charles Samaran. Introduction et légende de Jean Longnon et Raymond Cazelles, Paris, Musée Condé-Chantilly, ... 1980
- HOMEM, Armando Luís de Carvalho - Da Diplomática régia à História do Estado dos fins da Idade Média. Um ramo de investigação, in "Revista de História Económica e Social", Lisboa, 1982, pp. 11-25
- MALLON, Jean - De l'écriture. Recueil d'études publiées de 1837 à 1981, Paris, C.N.R.S., 1982
- "- Paléographie Romaine, in "L'Histoire et ses méthodes", Bruges, Gallimard, 1961, pp. 1247-1366
- "- Paléographie Romaine, Madrid, 1952
- "- Panorama actual de la investigación sobre escrituras latinas: perspectivas para el futuro, in "Actas das I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Históricas. V. Paleografía y Archivísticas, Santiago de Compostela, 1975, pp. 15-22
- MARICHALL, Robert - La critique des textes, in "L'Histoire et ses méthodes", Bruges, Gallimard, 1961, pp. 1247-1366
- MARQUES, A. H. de Oliveira - Paleografía e Diplomática, in "Dicionário da História de Portugal", dirg. por Joel Serrão, 2ª ed. Vol. I e III, Porto, Liv. Figueirinhas, 1971
- MENENDEZ-PIDAL DE NAVASCUÉS, Faustino - Apuntes de sigilografía española, Guadalajara, Institución Provincial de Cultura "Marqués de Sautillona", 1988
- MENTRÉ, Mireille - Contribución al estudio de la miniatura en León y Castilla en la Alta Edad Media, León, 1976

MILLARES, Carlo Agostin - Manual de Paleografía Española, 2 vols., Barcelona, 1929

"- Tratado de Paleografía Española, con la colaboración de Ruiz Asencio, José Manuel. 3ª., Madrid, Espasa-Calpa, 1983 (3 vols.)

MONTERERO Y SIMÓN, Conrado - Apuntes de iniciación a la Paleografía Española de los siglos XII a XVII, 2ª ed., Madrid, 1979

NUNES, Eduardo Borges - Abreviaturas paleológicas portuguesas, Lisboa, Fac. de Letras, 1981

"- Album de Paleografía Portuguesa, Lisboa, 1969

"- Varia Paleografía maiora ac minora, in "Portugaliae Historica", 1, 1973, pp. 223-243

Paleographie 1981. Colloquium du Comité International de Paléographie, Munchen, 15-18 Septembre 1981, Munchen, Arbo-Gesellschaft, 1983

Paleografía y Diplomática, Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1982

PEREIRA, Isaias da Rosa - A "pecia" em manuscritos universitários. Estudo de três códices alcobacenses dos séculos XIII e XIV, in "Anais da Academia Portuguesa da História", Lisboa, II série, 22, 1973, pp. 245-278

PETRUCCI, Armando - Breve storia della scrittura latina, Roma, Bagallo Libri, 1989

PRATESI, Alessandro - Diplomática in crisi?, in "Miscellanea in memoriam de Giorgio Cencetti", Torino, 1973, pp. 443-455

PROU, Maurice - Manuel de Paléographie latine et française, 3ª ed., Paris, 1910

RIBEIRO, João Pedro - Dissertações chronológicas e críticas, 5 vols., Lisboa, 1810-1836

"- Observações históricas e críticas para servirem de memórias ao systema da Diplomática Portuguesa, Lisboa, 1798

"- Reflexões históricas e críticas..., 2 vols., Coimbra, 1836

SALVATI, Catello - Paleografía e Diplomatica, Napoli, Liguori Editora, 1978

SANTOS, Mª José Azevedo - Cartulário do mosteiro de S. Paulo de Al maziva, ed. crítica, sep. do "Arquivo Coimbrão", Coimbra, 29, 1981

"- A Paleografía e a História, sep. da "Munda", Coimbra, 6, 1983, pp. 53-59

SANTOS, Mª José et - Da visigótica à carolino. A escrita em Portugal de 882 a 1172. (Aspectos técnicos e culturais), Coimbra, 1988

SARAIVA, José - A data nos documentos portugueses medievais e asturo-leoneses, Sep. da "Revista Portuguesa de História", Coimbra, 2, 1942

TÁVORA, D. Luis Gonzaga de Lencastre e - O estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa, Lisboa, Ministério da Educação, 1983

SCHIAPARELLI, Luigi - Avviamento allo studio delle abbreviature latine nel medioevo, Firense, Leo S. Olschki Editore, Ristampa, 1977

"- La scrittura latina nell'età romana. Note paleografiche, Torino, Bottega d'Erasmus, 1976

STIENNON, Jacques - Paléographie du Moyen Age, Paris, A. Colin, 1973

TESSIER, Georges - Diplomatique. in "L'Histoire et ses méthodes", Bruges, Gallimard, 1961, pp. 633-676

"- La Diplomatique, "Que sais-je?", n° 536, Paris, P.U.F., 1966

HISTÓRIA DE ARTE MEDIEVAL GERAL

Docentes: Dr. Fausto Sanches Martins

Dr. Celso dos Santos

1. Opções temáticas, diacrónicas e diatópicas para o curso.

1.1. Metodologias.

2. Arte paleo-cristã.

2.1. Arquitectura.

2.2. Escultura, mosaico e pintura.

3. Arte bizantina.

3.1. Arquitectura.

3.2. Mosaico e pintura.

4. Arte carolíngia

4.1. Arquitectura.

4.2. Iluminura e torêutica.

5. Arte românica.

5.1. Arquitectura.

5.2. Escultura.

5.3. Pintura, Iluminura e ourivesaria.

6. Arte gótica.

6.1. Arquitectura.

6.2. Escultura.

6.3. Pintura, iluminura, ourivesaria.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CROZET, René - L'art roman, Paris, P.U.F., 1962

DUBY, Georges - O tempo das catedrais - A arte e a sociedade (980-1420), Lisboa, Estampa, 1979

DUVAL, M. - Les basiliques de Sbeltà à deux sanctuaires opposés. Les églises africaines à deux absides, 2 vol., Paris, 1971-1973

- ERLANDE, Brandenburg, Alain - Le monde gothique - 1260 - 1380. La conquête de l'Europe, Paris, Gallimard, 1982
- FONTAINE, Jacques - L'art mozarabe, Zodiaque, 1977
- "- L'art pré-roman hispanique, 2 vol., Zodiaque, 1973
- GRABAR, André - L'âge d'or de Justinien, Paris, Gallimard, 1966
- "- Le premier art chrétien - 200-395, Paris, Gallimard, 1966
- GRODECKI, Louis - Architecture gothique, Paris, 1979
- HEITZ, Carl - L'architecture religieuse carolingienne, Picard, 1980
- HULUNT - L'art des Invasions, Paris, Gallimard
- KUBACH, Erich; BLOCH, Peter - L'art roman de ses débuts à son apogée, Paris, Albin Michel, 1960
- NUÑEZ, Manuel - Historia da arquitectura gaelga. Arquitectura prerománica, Santiago de Compostela, 1978
- PALOL, Pedro de - Arqueología cristinana de la España romana. Siglos IV-V, Madrid, 1967
- "- Arte paleocristiana en España, Barcelona, s.d.
- YARZA, Joaquin - Historia del arte hispánico. La edad média, Alhambra, 1980

HISTÓRIA DA ARTE MEDIEVAL EM PORTUGAL

Docente: Dr. Mário Jorge Barroca

1. Opção temáticas, diacrónicas e diatópicas para o curso.

1.1 Metodologias.

2. Arte Paleo-Cristã e Visigótica.

2.1 Arquitectura.

2.2 Mosaico e Ourivesaria.

3. Arte Árabe em Portugal.

3.1 Arquitectura.

3.2 Marfins e cerâmica.

4. Arte Moçárabe e da Reconquista.

4.1 Arquitectura.

4.2 Escultura, iluminura e outras artes.

5. Arte Românica.

5.1 Arquitectura.

5.2 Escultura.

5.3 Pintura, iluminura e ourivesaria.

6. Arte Gótica.

6.1 Arquitectura.

6.2 Escultura.

6.3 Pintura, iluminura e ourivesaria.

7. Arte Manuelina.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - Arte da Alta Idade Média, "História da Arte em Portugal", vol. II, Lisboa, Alfa, 1988

- "- Arte Românica, "História da Arte em Portugal", vol. III, Lisboa, Alfa, 1988
- ALMEIDA, D. Fernando de - "Arte Visigótica em Portugal", O Arqueólogo Português, Nova Série, vol. IV, Lisboa, 1962
- BONET-CORREA, Antonio - Arte Pre-românico Asturiano, Barcelona 1967
- CAMPOS CAZORLA, E. - "El Arte Hispanovisigodo", História de España, Dir. de Menendez Pidal, tomo III, Madrid, 1963
- CHICO, Mário Tavares - Arquitectura Gótica em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1978
- CORREIA, Vergílio - "Estudos de História da Arte", Obras, vols. II e III, Coimbra, 1949 e 1953
- COUTINHO, João de Moura - S. Frutuoso de Montélios, Braga, ASPA, 1978
- DIAS, Pedro - Arte Gótica, "História da Arte em Portugal", vol. IV, Lisboa, 1986
- "- Arte Manuelina, Porto, 1988
- EWERT, Christian - "La Mezquita de Mértola (Portugal)", Cuadernos de Alhambra, nº9, Granada, 1965, p.3-36
- FERNANDEZ ARENAS, José - La Arquitectura Mozarabe, Barcelona, 1972
- FONTAINE, Jacques - L'Art Pré-Roman Hispanique, 2 vols., Zodiaque, 1973
- GOMEZ-MORENO, D. Manuel - "El Arte Arabe Español Hasta los Almohades", Ars Hispaniae, vol. III, Madrid, 1951
- "- "Arte Mozárabe", Ars Hispaniae, vol. III, Madrid, 1951
- GONCALVES, António Nogueira - Estudos de História da Arte Medieval, Coimbra, Epartur, 1980
- "- Estudos de Ourivesaria, Porto, 1984
- GUSMÃO, Artur Nobre de - A Arquitectura Borgonhesa e os mosteiros de Cister em Portugal, Lisboa, 1956
- "- Românico Português do Noroeste, Lisboa, Vega, 1992
- "- A Real Abadia de Alcobaca. Estudo Histórico-Arqueológico, Lisboa, 1992
- LACERDA, Aarão de - História da Arte em Portugal, vol. I, Porto, 1942
- MONTEIRO, Manuel - Dispersos, Braga, ASPA, 1978
- PALOL, Pedro de - Arte Hispano de la Época Visigoda, Barcelona, 1968
- PESSANHA, D. José - Arquitectura Pré-Românica em Portugal. São Pedro de Balsemão e S. Pedro de Lourosa, Coimbra, 1927
- SANTOS, Reinaldo dos - Do Românico em Portugal, Sol, 1956

SCHLUNK, Helmut. - "Arte Visigodo", Ars Hispaniae, vol. II, Madrid, 1947

"- "La Iglesia de Sao Gião da Nazaré. Contribución al estudio de la influencia de la liturgia en la arquitectura de las iglesias de la Península Ibérica", Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1971, pp. 509-528

AA. VV. - Portugal Roman, 2 vols., Zodiaque, 1987

PROTO-HISTÓRIA

Docente: Dr. António Baptista Lopes

O programa será entregue oportunamente pelo docente.

PRÉ-HISTÓRIA PENINSULAR

Docente: Dr^a Maria de Jesus Sanches

Programa

O. Introdução à história do pensamento arqueológico no séc. XX.

1. Aspectos fundamentais da geografia da península Ibérica. Estado actual dos conhecimentos paleoambientais peninsulares no Pleistoceno e Holoceno.

2. Abordagem antropológica dos conceitos de "caçador-recolector" e de "agricultorpastor".

3. As sociedades de caçadores-recolectores do Pleistoceno e do início do Holoceno.

3.1. Uma visão geral da Europa e da região circum-mediterrânica.

3.2. A península Ibérica.

3.2.1. No Paleolítico Inferior e Médio

3.2.2. No Paleolítico Superior.

3.3. Enquadramento social e simbólico da arte do Paleolítico Superior.

4. As sociedades de caçadores-recolectores e/ou agricultores-pastores do Epipaleolítico-Mesolítico e do início do Neolítico.

4.1.1. Uma visão geral da Europa

4.1.2. As vias de neolitização da Europa.

4.2. O Epipaleolítico-Mesolítico e do Neolítico antigo na península Ibérica

4.2.1. Discussão em torno da documentação disponível para o período compreendido entre o 9º e o 4º milénio a.C nas diferentes "regiões" peninsulares.

4.2.2. Quadro do povoamento da península Ibérica "mediterrânica" e "atlântica": formas de subsistência e estratégias de povoamento.

4.2.3. Coexistência e interacção entre comunidades epipaleolítico-mesolíticas e neolíticas peninsulares.

5. As sociedades de agricultores-pastores do 4º / inícios do 3º milénio a.C. (Neolítico Medio/ Final)

5.1. Formas de subsistência, estratégias de povoamento e práticas, funerárias/rituais:

- o Nordeste
- o Sudeste
- o Sudoeste
- a fachada atlântica ocidental
- a Meseta
- outras regiões.

5.2. Diversidade regional e a primeira "colonização" agrícola da península Ibérica.

6. As sociedades de agricultores-pastores do 3º/inícios do 2º milénio a.C. (Calcolítico)

6.1. Mutações decorrentes da segunda geração de comunidades agro-pastoris: inovações tecnológicas, renovação de contextos domésticos, funerários e rituais.

- O Nordeste
- O Sudeste
- A Estremadura portuguesa
- A Meseta Norte
- O Norte de Portugal (e o Noroeste peninsular)
- Outras regiões

6.2. Pluralidade cultural e incremento de intercâmbios supra-regionais.

6.3. O fenómeno campaniforme e sua expressão peninsular.

7. As comunidades hierarquizadas do 2º/inícios do 1ª milénio a.C. (Idade do Bronze).

7.1. Visão geral sobre a complexificação social nos principais grupos pré-históricos peninsulares do chamado Bronze Antigo e Médio. Diversidade de espaços domésticos e funerário/rituais.

7.2. Bronze Final. Reordenamento do povoamento e emergência de novas "identidades" peninsulares durante os finais do 2º milénio e os inícios do 1º milénio a.C.. A fachada atlântica peninsular.

BIBLIOGRAFIA

Indicam-se de seguida as obras de mais fácil aquisição e leitura, consideradas fundamentais. Outra bibliografia será fornecida em textos de apoio policopiados.

ALARCÃO, J. de (coord.) (1990) - Nova História de Portugal (dir. Joel Serrão e A. Oliveira Marques), I- Portugal - das Origens à Romanização, Lisboa, Ed. Presença (pp. 0-288, a parte que interessa a esta disciplina - do Paleolítico à I. do Bronze)

CHAPMAN, R. (1991) - La Formación de las Sociedades Complejas. El Sudeste de la Península Ibérica en el marco del Mediterráneo Occidental, Barceloba, Ed. Crítica

DELIBES, G. e FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. (1993) - Los Orígenes de la Civilización. El Calcolítico en el Viejo Mundo, História Universal - 5 - Prehistoria, Madrid, Ed. Síntesis, S.A.

JORGE, S.O. e JORGE, V.O. (1991) - Incursões na Pré-história, Porto, Fund. Eng. António de Almeida

LULL V. et alii (1992) - Arqueologia de Europa, 2250-1200 a.C. Una Introducción a la "Edad del Bronce", História Universal - 6 - Prehistoria, Madrid, Ed. Síntesis, S.A.

RENFREW, C. e BAHN, P. (1993) - Arqueologia. Teorias. Métodos e Prática, Madrid, Ed. AKAL (tradução castelhana da obra original em inglês)

TRIGGER, B.G. (1992) - Historia del Pensamiento Arqueológico, Barcelona, Ed. Crítica

VÁRIOS (1990) - Historia de España, vol.1 - Desde la Prehistoria hasta la conquista romana (siglo III a.C.), Barcelona, Ed. Planeta.

OPÇÕES

HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO

Docentes: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva
Dr. António Barros Cardoso

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.

2. A cidade medieval.

2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.

2.2. Administração municipal durante a Idade Média.

2.3. Vectores de desenvolvimento económico.

2.4. A Cidade e o Termo.

3. O Porto na época moderna.

3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.

3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.

4. O Porto no século de Oitocentos.

4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.

4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.

Sugestões de temas para investigação

. O Porto e a expansão portuguesa.

. Instituições de cultura na cidade.

. O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).

. Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo

Municipali Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961

Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols.,
Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir.
de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938
COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - **Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto**, 2ª edição, Porto, 1945
CUNHA, D. Rodrigo da - **Catálogo e História dos Bispos do Porto**, Porto, 1623
NOVAES, Manuel Pereira de - **Anacrisis historial**, Vol. IV da Coleção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

HISTÓRIA COMPARADA DAS RELIGIÕES

Docente: Dr. José Amadeu Coelho Dias

1. **Problemática das Religiões.**
 - 1.1. A ciência das religiões.
 - 1.2. Natureza e origem das religiões.
 - 1.3. Interpretações da religião.

2. **As Grandes religiões contemporâneas.**
 - 2.1. Judísmo, Cristianismo, Islamismo.
 - 2.2. Hinduismo, Budismo.
 - 2.3. Taoismo, Xintuismo.

3. **As religiões da Antiguidade.**
 - 3.1. Pré-história e religiões tradicionais.
 - 3.2. Religiões mediterrânicas e europeias.
 - 3.3. Religiões ameríndias.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- CAILLOIS, Roger - O homem e o sagrado, Lisboa, 1979
- ELIADE, Mircea - Tratado de História Comparada das Religiões, Lisboa, 1977
- "- História das Crenças e das ideias religiosas, 4 tomos, Rio de Janeiro, 1978/80.
- JAMES, Ewo - Introducción a la história de las religiones, Madrid, 1973
- MESLIN, Michel - Aproximación a una ciencia de las religiones, Madrid, 1978
- WIDENGREN, Geo - Fenomenologia de la Religión, Madrid, 1976
- TOKAREV, Serguei - História das Religiões, Moscovo, 1986

HISTÓRIA DO BRASIL

Docentes: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos
Dr^a Conceição Meireles

1. Do Descobrimento à primeira organização territorial.
2. O período de formação (e delimitação) de fronteiras.
3. As fases (ou ciclos) da economia brasileira.
4. A Igreja: a missionação e a formação cultural das gentes.
5. Formação da Sociedade multirracial brasileira.
6. De Pombal à Independência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CALMON, Pedro - História do Brasil, Rio de Janeiro, 1963

CAMINHA, Pero Vaz de - Carta a D. Manuel, várias edições

CARDIM, Fernão - Tratados da Terra e Gentes do Brasil. S. Paulo, 2^a ed., 1939

Cartas Jesuíticas, Edições Itatiaia, 3 vols., 1988

CORTESÃO, Jaime - Obras Completas, várias edições

HOLANDA, Sérgio Buarque (dir. de) - História do Brasil, várias edições

MAURO, Frédéric (org. de) - O império luso-brasileiro 1620-1750, Lisboa, 1991

NÓBREGA, Manuel da - Diálogo sobre a conversão do gentio, várias edições

SALVADOR, Fr. Vicente do - História do Brasil, várias edições

SILVA, Maria Beatriz Nizza da - O império luso-brasileiro. 1750-1822, Lisboa, 1986

SODRÉ, Nelson W. - Formação Histórica do Brasil, várias edições

MATEMÁTICA PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Docente: Prof. Doutor Henrique David

1. A importância dos métodos quantitativos no processo de investigação.

2. Os métodos quantitativos como meio de descrever a realidade social.

2.1. Classificação e ordenação dos dados. Tabelas.

2.2. Proporção, percentagem, rácio, taxa e taxa de variação

2.3. Representações gráficas.

2.4. Medidas de Tendência Central .

2.5. Medidas de variabilidade ou dispersão.

3. Os métodos quantitativos como meio de interpretação e explicação da realidade social.

3.1. Análise de variância.

3.2. Teste de χ^2 .

3.3. Análise de correlação simples.

3.4. Análise de correlação parcial e múltipla.

4. As séries temporais.

4.1. Taxas de crescimento.

4.2. Análise das tendências pelo método dos mínimos quadrados.

4.3. Análise das flutuações sistemáticas - cíclicas e sazonais.

4.4. Números-índice.

BIBLIOGRAFIA

FLOUD, Roderick - Métodos cuantitativos para historiadores, Madrid, Alianza Editorial, 197

LEVIN, Jack - Estatística aplicada às Ciências Humanas, S. Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, 1978

MIALARET, Gaston - Statistiques appliqueés aux Sciences humaines, Paris, P.U.F., 1991

NAZARETH, J. Manuel - Introdução aos métodos quantitativos em Ciências Sociais, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1981

SALY, Pierre - Méthodes statistiques descriptives pour les historiens, Paris, Armand Colin Éditeur, 1991

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Docentes: Prof.Doutor Eugénio dos Santos
Dr^a. Maria José Moutinho dos Santos

1. Raízes do pensamento pedagógico ocidental.
2. A construção da actividade pedagógica medieval: da desagregação do Império Romano do Ocidente à criação das grandes universidades.
3. Humanismo, Renascença e reflexão sobre as exigências da pedagogia do "homo novus".
4. A época barroca e a exigência de uma nova forma de enquadramento pedagógico.
5. O pensamento científico, o pré-iluminismo e as novas preocupações pedagógicas.
6. "Luzes" e educação.
7. O liberalismo e os novos ideais burgueses e democráticos na criação e funcionamento das escolas.
8. Socialismo, republicanismo e massificação da cultura: que escolas?
9. A pedagogia nos períodos entre as duas grandes guerras.
10. Os anos cinquenta - novas filosofias educativas e seus resultados práticos.
11. Escola e sociedade. A crise da escola.

OBS: Nas aulas práticas serão abordadas questões sugeridas pelos alunos decorrentes dos conteúdos das aulas teóricas.

BIBLIOGRAFIA

- ABBGANANO, N; VISALBERGHI A.- História da Pedagogia, Livros Horizonte, 1981
- ARIÈS, Philippe - L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Regime. Paris, Seuil, 1973
- CARVALHO, Adalberto Dias de - Epistemologia das ciências da educação. Porto, Afrontamento, 1988
- CARVALHO, Rómulo - História do ensino em Portugal. Desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986
- CHARTIER, Roger - As práticas da escrita, in "História da vida privada", vol. 3, Porto, Edições Afrontamento, 1990, p. 113-161
- COMPERE, Marie-Madeleine; JULIA, Dominique - Les collèges français: 16e-18e siècles. Paris, CNR, 1984-1998
- GARIN, Eugénio - O Renascimento. História de uma revolução cultural. Porto, Telos Editora, 1972
- GOMES, Joaquim Ferreira, et al. - História da educação em Portugal. Lisboa, Livros Horizonte, 1988
- História Mundial da Educação, direcção de Jean Vial e Gaston Mialaret, Porto, Rés Editora, s/d
- LE GOFF, Jacques - Les intellectuels au moyen âge. Paris, Seuil, 1957
- MARROU, H-I- Histoire de l'éducation dans l'antiquité. Paris, Seuil, 1981
- MÓNICA, M^a Filomena - Educação e Sociedade no Portugal de Salazar. Lisboa, ed. Presença, 1978
- NÓVOA, António Manuel Sampaio da - Le temps de Professeurs - Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII-XX siècle). Lisboa, INIC, 1987
- SILVA, Francisco Ribeiro da - A Alfabetização no Antigo Regime. O caso do Porto e da sua região (1580-1650). "Revista da Faculdade de Letras - História", Porto, 2^a. série, vol. 3, Porto, 1986, p. 101-163
- STOER, Stephen - Educação, Estado e Desenvolvimento em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1982

HISTÓRIA DAS DOCTRINAS ECONÓMICAS E SOCIAIS

Docentes: Prof. Doutor Jorge Fernandes Alves
Dr^a Maria José Moutinho dos Santos

1. Problemática geral-âmbito e natureza da disciplina.
2. O idealismo económico e social - da Antiguidade à Idade Média (de Platão aos Padres da Igreja)
3. O tempo da sistematização - a emergência da economia política (do mercantilismo a Adam Smith).
4. A Economia Política e a industrialização - ajustamentos e críticas (de Malthus e Ricardo ao neoclássicos).
5. A vertente socialista - da utopias às ideologias (de T. Morus a Marx e Bernstein)
6. Os problemas do século XX e as posições teóricas (de Keynes aos neo-liberais).
7. A crise actual, a interdependência, interrogações (a derrota ideológica? a vitória do mercado? o fim da história?)

Obs. As aulas práticas serão, de preferência, dedicadas ao publicismo de natureza económica e social de expressão portuguesa, cujos temas, autores e publicações serão discutidos/seleccionados com os alunos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALMODÓVAR, António - A Institucionalização da Economia Clássica em Portugal, Porto, FEUP, dissertação de doutoramento, 1993
- BLAUG, Mark - A Metodologia da Economia, Lisboa, Gradiva, 1994
- " - História do Pensamento Económico, Lisboa, DomQuixote, 1989

BONCOEUR, Jean e THOUÉMENT, Hervé - Histoire des Idées Économiques, Paris, Nathan, 1992

CARDOSO, José Luis - O pensamento económico em Portugal nos finais do século XVIII, Lisboa, Estampa, 1991

CASTRO, Armando de - O Pensamento Económico no Portugal Moderno, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Col. Biblioteca Breve, 1980

DELFAUD, Pierre - Keynes e o Keynesianismo, P. Europa-América, s/d

DENIS, Henry - A Formação da Ciência Económica. Lisboa, L. Horizonte, s/d

" - História do Pensamento Económico, L. Horizonte, 1974

DIGBY, A. e FEINSTEIN, Ch. (eds) - New Directions in Economic and Social, Londres, Macmilan, 1989

GALBRAITH, John Keneth - A Era da Incerteza - Uma história de ideias económicas e das suas consequências, Lisboa, Moraes, 1980

GÉLÉDAN, Alain e BRÉMOND, Janine - Dicionário das Teorias e Mecanismos Económicos, Lisboa, L. Horizonte, 1988

HEILLBRONER, Robert L. - Os Grandes Economistas, Lisboa, P. Dom Quixote, 1974

KINDLEBERGER, Charles P., Economic Laws and Economic History, Cambridge University Press, 1989

MORIN, Edgar - As Grandes Questões do Nosso Tempo, Lisboa, Editorial Notícias, 1992

MORIN, Edgar e outros - Os Problemas do fim do Século, Lisboa, Editorial Notícias, 1991

NUNES, Adérito Sedas - História dos Factos e das Doutrinas Sociais, Lisboa, Presença 1993

PEDROSA, Alcino e outros - Contribuições para História do Pensamento Económico em Portugal, Publicações Dom Quixote, 1988

POLANYI, Karl - A Grande Transformação - as origens da nossa época, Rio de Janeiro, ed. Campus, 1988

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| História Medieval de Portugal | 1 |
| Sociedade, Economia e Política na Época Medieval | 3 |
| Cultura e Mentalidades na Época Medieval | 6 |
| Paleografia e Diplomática | 9 |
| História de Arte Medieval Geral | 14 |
| História de Arte Medieval em Portugal | 16 |
| Proto-História | 19 |
| Pré-História Peninsular | 20 |

Opções

| | |
|---|---|
| História da Cidade do Porto | 1 |
| História Comparada das Religiões | 3 |
| História do Brasil | 4 |
| Matemática para as Ciências Humanas e Sociais | 5 |
| História da Educação | 7 |
| História das Doutrinas Económicas e Sociais | 9 |

